

IV Seminário da Rede Gaúcha de Estudos e Pesquisas sobre Educação Profissional e Tecnológica IV Seminário ProfEPT IFRS

As (contra)reformas nas políticas educacionais no Brasil e seus
impactos na Educação Profissional e Tecnológica

28 a 30 de Agosto de 2023

A ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO LÍNGUA ADICIONAL POR SURDOS

Andréia Mendiola Marcon¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul ¹

Eixo Temático: Educação de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão na EPT

Palavras-chave: Libras. Escrita da Língua Portuguesa. Língua Adicional. Surdos. Consciência reflexiva.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa do doutorado, no Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade de Passo Fundo. O objetivo do estudo é refletir sobre o ensino e a aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa para surdos, dando destaque para uma concepção de língua adicional presente nas práticas cotidianas do surdo. O trabalho parte de um diálogo com dois teóricos que são referência no campo da aprendizagem. Refiro-me aos autores Vigotski (1999) e Gombert (2003). Para explanar sobre a língua adicional, conta-se com o excedente de visão dos autores e pesquisadores: Margarete (2009), Pedro Garcez (2009) e Vilson Leffa (2014). Esta pesquisa, justifica-se na medida em que proporcionará conhecimento mais aprofundado acerca da temática sobre a escrita da Língua Portuguesa como língua adicional por surdos a família, escola e sociedade.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

Segundo Garcez e Schlatter (2009) o termo “Língua Adicional” está relacionado ao acolhimento da variedade linguística existente em uma sociedade. Logo, podemos entender que o conceito de língua adicional tem a ver com uma perspectiva de adição da outra língua ao sistema linguístico da língua já existente do sujeito. Desse modo, ao trazer este diálogo, de língua adicional, para a educação de surdos, podemos pensar que a escrita da Língua Portuguesa caracteriza-se como a outra língua do surdo, a qual contempla o sistema linguístico da Libras. Assim, entendemos que para desenvolver um processo de escrita adequado, o surdo precisa ter construído na estrutura da sua língua materna, no caso a Libras, um conhecimento sobre o mundo que o cerca.

Seguindo este raciocínio, encontramos nos estudos de Vigotski (1999) e Gombert (2003) uma contribuição para a aprendizagem da escrita adicional pelo surdo. Para estes dois autores, a aprendizagem da escrita pelo sujeito, se inicia antes do seu ingresso na escola. Ou seja, o sujeito em contato com o meio que o cerca, pode desenvolver a língua e passar a significar os acontecimentos ao seu redor. Trazendo esta

discussão para o campo educacional do surdo, precisamos pensar que a criança surda, antes de ingressar na escola também precisa ter estabelecido relações sociais com o meio em que vive para significar o mundo e desenvolver o seu pensamento. Assim, entendemos que a criança surda em contato com o seu meio, desenvolve uma aprendizagem inconsciente que vai crescendo conforme as suas experiências.

Neste sentido, em se tratando da aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa por surdos, no contexto escolar, precisamos considerar que o surdo seja exposto ao processo de aprendizagem da Libras, para que ele tenha conhecimento dos níveis de análise linguística da sua língua, composto pela fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, para então, introduzir-se em um processo mais elevado de aprendizagem, que é a escrita adicional. Com isso, entendemos que a emancipação conceitual e linguística realiza-se por meio de dois trajetos. O primeiro está relacionado aos conhecimentos prévios que o sujeito adquire a partir das suas experiências antes da escola. O segundo, tem a ver com os novos conhecimentos que a escola possibilita. Desse modo, entendemos, que os conhecimentos prévios são a representação de toda a trajetória da criança surda construída na base da Libras. Ao passo que, os conhecimentos novos têm a ver com a escrita adicional que se junta aos conhecimentos já existentes no surdo.

Deste modo, entendemos que se por um lado os conhecimentos espontâneos se desenvolvem no campo das experiências pessoais, de outro lado, ao falar do desenvolvimento da escrita adicional, temos a ideia de que tal conhecimento começa no campo da consciência. Para Vigotski, o encontro entre o conhecimento que o surdo já possui sobre o mundo que o cerca, com o conhecimento que ele vai aprender, no caso a escrita adicional, demanda de um processo de emancipação conceitual na sua mente. Ou seja, as informações prévias construídas na base da Libras, são levados para funções cognitivas superiores, como por exemplo: a abstração e a reflexão. Entendemos, então, que a escrita adicional traz consigo um novo sistema de representação mental que se evidencia na sua forma e que coloca o surdo na tarefa de abstraí-la. Notamos que o encontro destes dois sistemas (Libras e língua adicional) envolvidos no processo de aprendizagem do surdo, o papel do professor é essencial.

Nesta percepção, Gombert (2003), destaca que o professor pode explorar o conhecimento metalinguístico com os alunos surdos, para que ele possa por meio da Libras, refletir sobre a escrita adicional, percebendo o modo de como esta língua se organiza.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia baseou-se em uma pesquisa bibliográfica, de modo que foram realizadas leituras sobre o processo de aprendizagem em uma perspectiva de consciência reflexiva sobre a escrita adicional por surdos. Assim, foram estudados os seguintes autores: Vigotski (1999) e Gombert (2003) e entre outros autores da Educação de surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabemos que o aluno surdo está imerso a um mundo letrado, seja no contexto familiar, escolar ou social e torna-se importante ele aprender a escrita adicional para alcançar a autonomia e independência mediante as várias situações de leituras e escrita na vida cotidiana. No entanto, devido às abordagens existentes não apresentarem uma concepção de aprendizagem que situe um entendimento maior sobre como ocorre o desenvolvimento da escrita na mente do surdo pelo viés da consciência reflexiva, o surdo acaba que muitas vezes ou quase sempre não compreendendo a relação da escrita adicional com a vida na sociedade. Por isso, pontuamos que o que define a concepção

de aprendizagem da escrita adicional pelo surdo é o ato de refletir sobre a língua para usá-la nas situações da vida. Assim, compreendemos que a concepção de aprendizagem da escrita vista nestes dois autores, propõe que é pela tomada de consciência que o surdo pode experimentar a escrita adicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou-nos refletir sobre o ensino e a aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa como língua adicional em uma perspectiva de consciência reflexiva ligada ao contexto cotidiano. Possibilitou também, pensar as abordagens didáticas com tarefas direcionadas para o esforço cognitivo mediante a situações comunicativas. Assim, um dos aspectos a destacar, é que a língua adicional não segue a mesma rota de aprendizagem do que a língua materna, no caso a Libras. Mas, é importante pensar que o surdo está em contexto de imersão da escrita adicional e desenvolver a capacidade de abstrair, de refletir e de controlar conscientemente a escrita, usando como atividade regulatória, pode possibilitar ao surdo um conhecimento sobre o uso e a função da escrita adicional à Libras.

REFERÊNCIAS

GARCEZ, L. H. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOMBERT. J. E. **Implicit and Explicit Learning to Read : Implication as for Subtypes of Dyslexia**. Vol. 1, 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/Samsung/Downloads/cpl-202%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Samsung/Downloads/cpl-202%20(2).pdf). Acesso em: 04 set. 2021.

GOMBERT. J. E. **Implicit and Explicit Learning to Read: Implication as for Subtypes of Dyslexia**. *Special Issue on Language Disorders and Reading Acquisition*. 10. Vol.1, 2003.

GOMBERT. J.E. **Apprentissage dès codes grafo-phonologique et grafo-sémantique em lacture**. In M. N. Romdhane e J.E GOMBERT e BELAJOUZA (Eds.), **L'apprentissage de la lecture**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003.

LEFFA, Vilson J.; IRALA, Valesca Brasil. **O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas**. In: _____. (Orgs.). **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil**. Pelotas: Educat, 2014.

MALUF. R. M. **Aquisição da Escrita. Contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de Surdos: A aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004.

QUADROS. R. Q. e CRUZ. Carina R. **Língua de Sinais. Instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz

Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas V. Fundamentos de defectologia. Tradução de Júlio Guillermo Blank. Madrid: Editora Visor, 1997.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e método. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2005.

GARCEZ, L. H. Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.